



Editorial: aos leitores da Geplat Papers

O presente dossiê publicado pela *Geplat Papers: Academic Journal of Studies in Society, Sciences and Technologies* mais uma vez afirma o compromisso deste periódico com a internalização do debate científico; e, por conseguinte, com a construção de redes de intercâmbio entre acadêmicos, como no caso atual em que se encontram representantes do México. Intitulado *Análisis de las condiciones laborales en las organizaciones de la frontera norte de México: casos de estudio*, este conjunto de seis artigos produzidos nos contextos de pesquisa da *Academia de Seminarios de Investigación de las Ciencias Administrativas del Instituto de Ciencias Sociales y Administración de la Universidad Autónoma de Ciudad Juárez* permite o acesso panorâmico a alguns dos temas, das filiações teórico-metodológicas e das inquietações e engajamentos sociais de seus pesquisadores.

A totalidade das pesquisas aqui apresentadas tem por campo de investigação o espaço de Ciudad Juárez, localizado na fronteira norte do México, e abarca uma interessante variação de situações sobre o mundo do trabalho, do desempenho, da produção e da responsabilidade desde o lugar e o olhar daquele agente e ator social que contratualmente se encontra submetido a algum tipo de regime de exploração de sua energia vital, seja no ambiente universitário, na indústria manufatureira ou de serviços.

Assim que estudantes de alto rendimento, mulheres hiper-qualificadas, empregados fabris e jovens millenials em primeiras experiências no mercado de trabalho despontam como perfis sociais em destaque para a análise de fenômenos de intensa rotatividade laboral, de flexibilidade na gestão organizacional da produção, de definição da satisfação ou do esgotamento emocional e estresse mental no mundo do trabalho, e, por fim, de desigualdade de gênero e, grosso modo, de assimetria e hierarquização das chances de consolidação de carreiras em altos postos empresariais.

As pesquisas brevemente expostas nos artigos deste dossiê enfatizam procedimentos metodológicos quantitativos de aplicação de questionários e de leituras estatísticas dos dados produzidos. Subjaz, nesse sentido, a esse enquadramento metodológico uma postura teórica e epistemológica de cunho marcadamente positivista, ainda que de colorações críticas no momento de interpretação do fenômeno social sob estudo.

A pretensão científica de cálculo individual de satisfação ou de estresse emocional, com efeito, aponta para uma abordagem própria da tradição individualista, utilitarista e economicista do naturalismo e do empiricismo atômico britânico (LEVINE, 1997). A ponta desta corda de tradição epistemológica euroamericana remete para o longínquo pensamento fundador hobbesiano de *estado de natureza*, de *sociedade civil* mediante *contrato racional* e de busca pela *felicidade individual* na forma de maximização objetiva de meios de satisfação do desejo, da vontade ou da volição.

Este individualismo metodológico, - a agência individual explica o social, - associado ao individualismo normativo, - a felicidade de agentes individuais justifica a norma, - sedimenta a noção moderna de moralidade individual natural, de acordo com a qual a moral é um dado da natureza. Nesse definir do mundo social e cultural faz-se possível a refutação do antigo e clássico projeto aristotélico e helênico de *Estudos do Ser* (da agência individual, econômica e política que constrói a relacionalidade e o simbólico-estrutural em critérios de Ética, de Economia e de Política) e de *Estudos da Natureza* (da substância, da essência e do inato) como dimensões epistemológicas de dignidades próprias.

Na ótica utilitarista, - posteriormente liberal e, por fim, neoliberal, - contudo, a ordem do mundo humano produz-se e reproduz-se no movimento atômico de desejos

ilimitados, tal como na indeterminação da física newtoniana de partículas; e não indica o repouso em um bem absoluto ou virtude. O método geométrico e a psicologia mecanicista, - fundamentos da estatística analítica sobre o social e a cultura, - implicam, portanto, a indistinção entre Práxis (Mundo da Ação) e Theoria (Mundo da Substância Natural), de modo a teoricamente permitir a matematização da moral (cálculos de satisfação individual) e o seu enquadramento objetivo não como expressão de voluntarismo, excelência e virtude, mas como obediência a um contrato e a um código de deveres: o contrato social que funda o Estado Moderno tal como pensado nas ficções a-históricas pelos contratualistas e jusnaturalistas ingleses.

O social e a cultura assim definidos como complexo de indivíduos atomizados em busca por satisfação e maximização de interesses individuais, - mediados estes pela moralidade individual natural de direito à vida, à liberdade e à propriedade, - embasam o paradigma do mercado e da racionalidade instrumental como ordem social. Nessa cosmologia particular que lastreia a etnopsicologia ocidental (LUTZ, 1986 e 1986a), o equilíbrio dinâmico e tenso da vida coletiva se estabelece no equilíbrio de funções individuais (instintos, moralidades, opiniões, gostos, racionalidades).

Atingimos, então, teórica- e metodologicamente, a superfície da vida individual na trama capitalista de produção objetiva de sobrevalor e de mobilização subjetiva do desejo de sociação pelo consumo: a agência individual substantivada e reificada como dado natural, indicador da vida do mercado, pode, assim, ser matematizada como valor de desempenho, de produtividade, de responsabilidade, de racionalidade e de mérito; como também de fracasso, de esgotamento, de estresse e de afetos economicamente disfuncionais.

A abordagem científica da fadiga, do cansaço, do esgotamento, do sufocamento, da apatia, do fastio, do sentimento de incapacidade e anomia, do sentimento de tempo perdido, entre outros, traz à discussão as noções de *Emoções e Moralidades* (BARBOSA, 2020) como categorias analíticas de apreensão das dimensões sensoriais, cognitivas, expressivas, comportamentais e performáticas, comunicacionais e axiológicas do *self* em jogo simbólico-interacional. As *Emoções*, enquanto metacategoria da dimensão intersubjetiva do mundo humano, implicam pensamentos encorpados e sentimentos direcionados ao outro relacional, de modo que perpassam o indivíduo sempre social e

culturalmente situado; ao passo que as *Moralidades* implicam definições da situação social e cultural, das prerrogativas de produção de si e do outro em lugares e em horizontes individuais e coletivos de negociação, de autorrealização e de exigências de bens materiais e simbólicos.

A aplicação deste instrumentário analítico tem rendido interessantes resultados de pesquisa, tal como apresentado pelos colegas mexicanos que neste dossiê discutiram questões como a satisfação laboral, o esgotamento emocional, estratégias organizacionais de bom trato de empregados etc.

Chamamos oportunamente a atenção também para o estudo de Rangel, Costa e Barbosa (2020) sobre precarização do trabalho e sequestro da subjetividade de Agentes de Viagens em Mossoró-RN. Neste caso, a flexibilização organizacional aparece como estratégia utilizada pelas Agências de Viagens para que se mantenham competitivas no mercado de trabalho mossoroense. As seguintes estratégias de exploração da força de trabalho foram observadas ao longo da pesquisa de campo: baixos salários, comissões associadas a metas, trabalho em horário extra expediente, monitoramento subjetivo e objetivo do trabalho, sequestro da subjetividade, precarização das condições de trabalho, engolfamento emocional no grupo, subalternização e ofensa moral, envergonhamento diante das exigências da empresa, humilhação, invasão de tempos e espaços íntimos e da Casa pela lógica instrumental do Capital, sedução da subjetividade do trabalhador para os interesses da empresa.

Os trabalhadores, constrangidos pelas Agências de Viagens mediante os processos supracitados de imposição de condutas, são, deste modo, pressionados a se sentirem desafiados a constantemente provar a sua existência como parte do capital. O trabalho precarizado significa este rebaixamento moral e emocional do trabalhador perante a impessoalidade da lógica reificada de reprodução sistêmica do Capital enquanto valor social abstrato que circula em espirais de troca cada vez mais intensos, relegando o trabalhador moralmente subalternizado a um destino de busca incerta por segurança ontológica e estabilidade subjetiva.

As Agências de Viagens de Mossoró – RN se moldam às mudanças ocorridas no mundo do trabalho, impulsionadas pelos processos de Globalização, Financeirização e Informacionalização do Capitalismo. Adotam um modelo de gestão flexível permeada

por estratégias de poder cognitivo e comportamental e de dominação moral e emocional, com vistas à manutenção e à ampliação do controle sobre o processo de trabalho. As condições e relações de trabalho dessas organizações retratam o engolfamento emocional e moral do trabalhador. A subjetividade do trabalhador não se limita ao campo da racionalidade, já que as significações imperceptíveis aos indivíduos se desenvolvem no interior das relações sociais, sendo condicionantes não só no cotidiano laboral, mas também no meio relacional e simbólico em que o indivíduo está inserido.

Na vulnerável estrutura do segmento de Agências de Viagens, constata-se, no Agente de Viagens, um novo trabalhador precarizado, constituindo uma classe emergente em ascensão que é produto do modelo de gestão flexível e, constituída, geralmente, de pessoas com nível educacional mais elevado; muito embora condicionadas a assumir empregos cujos rendimentos se encontram inferior às expectativas associadas às suas qualificações.

O indivíduo é submetido à vigilância contínua através de panópticos, câmeras e monitoramento de suas ações, principalmente no que concerne a ligações e conversas com clientes, bem como a uma dinâmica estressante, multitarefa e invasiva dos espaços e tempos da Casa, da Família, da Subjetividade, da Intimidade. Para além da disciplina, é importante chamar atenção para a autovigilância, na qual se observa o sequestro da subjetividade do trabalhador das mais variadas formas, de modo que o controle disciplinar passa a ser exercido pelo próprio trabalhador sob a forma de autocontrole, assumindo, dessa maneira, uma característica de controle utilizado no modo de produção toyotista.

Temos, aqui, em apartada síntese, um quadro do mundo do trabalho brasileiro apresentado em grossas pinceladas e pronto para o diálogo com os artigos do presente dossiê *Análisis de las condiciones laborales en las organizaciones de la frontera norte de México: casos de estudio*. Vamos, então, à leitura!

Prof. Dr. Jean Henrique Costa
Prof. Dr. Raoni Borges Barbosa

Editores GEPLAT PAPERS

Referências

BARBOSA, Raoni Borges. Self, cultura emotiva e redes de interdependência: a proposta analítica das Antropologia das Emoções. **RTEP - Revista Turismo: Estudos e Práticas**, v.9, n.1, 2020.

COSTA, Jean Henrique. Trabalho, precarização e controle ideológico na economia do turismo. **RTEP - Revista Turismo Estudos e Práticas**, v. 9, p. 01-13, 2020.

LUTZ, Catherine. Emotion, Thought, and Estrangement: Emotion as a Cultural Category. **Cultural Anthropology**, v.1, n. 3, p. 287-309, 1986.

LUTZ, Catherine; WHITE, G. M. The Anthropology of Emotion. **Annual Review of Anthropology**, v. 15, p. 405-436, 1986a.

LEVINE, Donald. **Visões da tradição sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

RANGEL, Giovanna A. P.; COSTA, Jean Henrique; BARBOSA, Raoni Borges. Trabalho precarizado e sequestro da subjetividade: um estudo sobre formas de controle da subjetividade de Agentes de Viagens em Mossoró/RN. **RTEP – Revista Turismo: Estudos e Práticas**, v. 9, n. 2, 2020.

SILVA, F. D.; COSTA, Jean Henrique; BARBOSA, Raoni Borges. A fruição do tempo livre nos espaços e equipamentos de lazer na cidade de Mossoró-RN. **Sociabilidades Urbanas**, v. 4, p. 81-104, 2020.